



FORMAÇÃO DE DOCENTES EM GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Marina Soares Ribeiro

msoares1909@gmail.com¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo relatar minha experiência ao pensar uma proposta de atividade na disciplina Educação em Geografia, no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Apresento reflexões a partir da produção de um Portfólio, que ao final do semestre, permitiu colocar em perspectiva a minha vivência dentro da disciplina, minha formação enquanto pedagoga e minhas ações intencionais futuras pela transformação da realidade (educacional e no mundo). Levando em consideração a urgência na formação de professores de uma geografia que dialoga com a realidade dos agentes educacionais, busquei dentro da produção dos colegas outros relatos que dialogassem com a transformação. A matéria, ministrada pela professora Maria Lídia Bueno Fernandes, acontecia no prédio nº 5 da Faculdade de Educação nas noites de segunda-feira e a partir de uma metodologia inovadora e transgressora, naquela despreziosa sala com paredes de fórmica, me inspirou a considerar a importância de uma geografia relevante. Aqui, pretendo refletir a respeito da formação de professores para o século XXI, o lugar da geografia no ensino dos anos iniciais e as proporções de uma vivência significativa da disciplina na construção de uma aprendizagem ativa e dinâmica.

Palavras-chave: formação de professores, geografia, aprendizagem significativa.

Introdução

Pensar Geografia enquanto professor em formação é uma tarefa no mínimo trabalhosa, e a entendemos assim ao refletir sobre as relações que enquanto crianças (e adultos) experimentamos com a ciência. Partindo desse pressuposto, me inspiro em Bell Hooks, onde em seu livro *Ensinando a Transgredir*, trata sobre a educação como uma prática da liberdade, a qual segue a definir:

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que (...) creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília.

espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo. (HOOKS, 2013, p. 25).

Levando em consideração a forte carga ideológica que sempre caracterizou a escola da forma como a conhecemos, a ideia de uma educação como prática da liberdade se faz fundamental na luta contra o discurso hegemônico que nos últimos anos, têm ganhado força novamente frente uma sociedade em crise moral, ética, econômica e política. Vlach (1984) ao colocar em perspectiva a instauração da ideologia do nacionalismo patriótico, discute os meios pelos quais a burguesia transformou a escola com o objetivo de criar a unidade do Estado-nação, colocando em foco a função patriótica do ensino da Geografia a partir do discurso nacionalista que foi propagado por meio da mesma.

Importante ressaltar que dentro deste discurso, a fragmentação do conhecimento foi um dos principais motivos pelos quais a Geografia se deu como ferramenta da propagação de ideais deterministas e positivistas, abstraindo o indivíduo da discussão pela ideia de um aluno “neutro”, sem poder sobre a realidade e que se submete à razão como um instrumento de dominação:

Ao delimitar o Estado-nação pelo seu território, isto é, pelas características do seu quadro natural, com base no princípio da identidade, a ideologia inverteu o real, pois o sujeito (a sociedade, de classes) foi substituída pelo objeto (a natureza, ou o território), no caso da geografia. Ocorre que esta inversão implicou (e implica) ausência de reflexão (geográfica) ao nível da epistemologia, pois apenas o sujeito é capaz de reflexão. E de fazer história. (VLACH, 2010, p. 43).

Partindo desta ideia, as reflexões a respeito do papel do professor na geografia ganham outra dimensão. A respeito disto, em *O estudo do meio na formação do pedagogo: ou, por uma geografia que invada a sala de aula*, Fernandes (2016) aborda as nuances desta reflexão geográfica dentro da formação de professores, onde “devemos partir do pressuposto de que os métodos de ensino da geografia se relacionam com a sociedade da qual fazem parte professores, alunos e escolas.” Dessa forma, levantando questões a respeito da própria vivência dos pedagogos em formação, na necessidade da utilização de uma geografia que permita as reflexões que serão necessárias na realidade da sala de aula, “(...) formar professores dos anos iniciais da educação, na universidade pública, é assumir um compromisso de diálogo profícuo com o ambiente social em que vivem os agentes da educação”.



Assim, as problemáticas que circundam a discussão a respeito do uso da geografia na escola se somam e resultam num cenário complexo e desafiador, cujo qual pretendo desmistificar a partir do compartilhamento das minhas experiências e das vivências de outros colegas, problematizando minha formação no intuito de lançar uma luz direta e pessoal a respeito da formação de professores qualificados para as demandas de uma educação real e emancipadora. Parto do pressuposto, então, que a atual abordagem para formação de pedagogos com capacidade de transitar pelas complexidades do ensino de geografia nos anos iniciais é insuficiente. Esta pode parecer uma visão pessimista, e é em Cavalcanti que me embaso, com o intuito de chamar a atenção para a forma como a mídia representa os problemas enfrentados na escola e a aflição que acompanha tais debates “Em algumas análises, evidencia-se a sensação de que não há saída, de que os problemas são insolúveis, dadas as suas complexidades e dentro dos marcos da sociedade contemporânea.”

Nas discussões a respeito da educação na contemporaneidade, desafios e complexidades são sempre palavras chave por inúmeros motivos, alguns dos quais já tratamos aqui. Em caráter reflexivo e explanatório, espero na partilha desta experiência ajudar a lançar alguma luz sobre a formação de professores em geografia, suas possibilidades e defender a ideia de que a partir de uma aprendizagem significativa o que antes poderia ser considerado um desafio agora pode ser visto como oportunidade.

Formação de Professores

Dentro das contradições que ao longo da história permearam as discussões a respeito das disciplinas escolares, Tonini (2003) deixa clara a forma como a generalização da escolarização na Alemanha constituiu a escola “como um espaço pedagógico normatizador e controlador por atender a um discurso de produção da identidade nacional alemã”. Na atual perspectiva de formação, levando em consideração a necessidade de uma escola que não descarte a realidade que a circunda, a formação docente se faz fundamental na construção de novos caminhos. Pensando em Callai (2011), que se refere, aqui, especificamente à geografia nas séries iniciais, uma questão importante surge nesse nível da escolaridade “olhar para o professor para ver o que ele ensina e o que sabe do que deve ensinar”. É pensando nisso que

considero fundamental abordar as inúmeras facetas que afetam diretamente a sala de aula na educação básica. Quanto às queixas dos professores em formação no ensino superior, a autora explicita e explica:

(...) falta embasamento teórico como suporte para mediar o conhecimento do aluno e o conhecimento que é o conteúdo escolar; o professor precisa saber que sua prática pedagógica deve estar voltada para a realidade do aluno no contexto em que ele está inserido, mas que as dificuldades que se apresentam são muito maiores do que a capacidade de realizar o que a lei e os livros propõem. (CALLAI, 2011, p. 35).

Inegável o peso que há algumas décadas recai sobre os ombros desses professores, ainda carregados e vivendo de acordo com o positivismo que ameaça constantemente a integridade de se pensar o exercício da sala de aula em sua totalidade de conflitos, facetas e diálogos. Me influi Cavalcanti (2011), quando disserta sobre as complexidades imbricadas na sala de aula, levando em conta a diversidade que não acarretará em problemas “simples, de fácil solução, resolvidos com atitudes inflexíveis e fechadas”, e afirma “não se pode esperar que os cursos de formação deem conta de encaminhar modelos a serem seguidos na prática cotidiana de modo reprodutivo.”

Em sala, poderia dizer que um assunto recorrente em quase todos os encontros foi a problemática de como nos constituir enquanto profissionais levando em consideração todas as questões fundamentais da realidade, ainda seguindo as demandas curriculares e utilizando de materiais didáticos defasados em sua grande maioria. Como a colega KS explicitou em seu Portfólio, em conclusão a respeito de uma das aulas do semestre: “Esta aula serviu para repensarmos sobre a maneira que os professores estão ensinando e fazer diferente, não ficar somente nos livros didáticos da escola, nem fechados em quatro paredes, levar a turma para explorar o mundo que está ao seu redor”.

Neste lugar de constituição enquanto pedagoga, devo dizer que não imaginei que seria a geografia o principal agente no inquietamento que me preenche desde a realização que, além do que me foi dito ao longo da trajetória na educação básica, a educação, a cidade e a vida podem e devem ser transformadas. Me iluminei com o descobrimento de formas efetivas da geografia em nossas vivências pessoais e sinto-me contemplada com o relato da colega JW a respeito das novas proposições sobre o ensino da geografia:



Perceber o estudo da geografia como o estudo do espaço geográfico, que é o resultado das relações da sociedade com o meio. Descobrir que o espaço geográfico se faz a partir de um processo histórico e que é influenciado por projetos políticos, econômicos, culturais-ideológicos.

Acredito, portanto, que na constituição profissional do educador é necessário pensar as provocações a partir do espaço vivenciado pelo aluno, para que seja possível convidar à pergunta, de que forma os conceitos presentes nos textos e nas questões geográficas atuais, dialogam com a sua realidade? Assim, pensando em uma geografia que invada a sala de aula, me inspiro em Fernandes (2016), quando explica: “esse trabalho deve permitir ao futuro docente a aquisição de conhecimento estruturado que lhe permita desenvolver capacidades instrumentais mais consistentes para compreender, explicar e atuar sobre o meio de modo consciente e criativo.” A colega AL, em uma reflexão final a respeito de sua formação em geografia, explicita exatamente a magnitude do impacto pessoal e afetivo que trata a aprendizagem significativa na constituição do docente:

Falo agora da gratidão ao ter acesso a um pouco do conhecimento científico que a disciplina me proporcionou, como o momento em que apresentei o seminário demonstrando um saber mais complexo, somado ao que foi aprendido durante o semestre, provocações de um novo olhar para o todo geográfico englobando o saber e a interação sócio cultural (...) Assim, o que fica é um saber humanizado, apto à contribuições de futuras gerações em sua aprendizagem, além da certeza de que farei a diferença em qualquer espaço onde eu decida atuar.

A respeito do estudo do meio, Fernandes aprofunda sobre os efeitos da metodologia:

(...) leva todos os envolvidos a realizarem o trabalho de maneira cooperativa e proativa, de forma que cada um expressa o que mais lhe parecer significativo, pois essa metodologia traz consigo um protagonismo empolgante aos alunos, além de possibilitar a futuros educadores uma alternativa metodológica autoral e interdisciplinar aplicável em qualquer série ou período. (FERNANDES, 2016, p. 87)

É nessa perspectiva que reafirmo a importância de encontrar novos caminhos para construir a relação com o saber de todos os agentes educacionais, sendo que a autopercepção e a produção a partir da própria realidade me iluminaram sobre como os desafios já identificados na geografia podem ser transformados a partir de noções diversas e múltiplas do espaço e do conhecimento em si, enriquecendo o “significado desse aprendizado, as marcas que ele deixa e a tomada de consciência a partir da experiência vivida”. JW, ao refletir sobre a

primeira atividade realizada em sala de aula, explica um pouco sobre o sentimento que surge a partir dessa contrapartida de se considerar a realidade do próprio aluno, e as consequências:

Quando fiz a primeira atividade de um olhar para a “minha cidade” não percebi a grandeza do que ela representa. Hoje, ao final do semestre, tenho certeza que não somos ensinados a perceber os lugares, as paisagens, os espaços. Vamos envelhecendo sem nos dar conta que o local onde vivemos não é mais o mesmo, (...) não nos perguntamos porquê dessas mudanças.

É exatamente a esta magnitude da vivência que Fernandes se refere ao explicar que “adotar o estudo do meio aproxima, ainda, o futuro professor do desafio de extrapolar os conteúdos meramente disciplinares, para avançar no processo de construção de conhecimento por parte dos educandos com os quais trabalhará”, assim, transformando o objetivo e o significado da disciplina escolar enquanto ativa e reflexiva. Ao revisitar meu portfólio, me surpreendi em uma das reflexões ao ler “ter a oportunidade de repensar criticamente nossa relação com a cidade é no mínimo libertador”, frase que acredito representar bem o sentimento que surge da oportunidade de questionar nossos locais e espaços, perceber a importância do mundo na constituição do indivíduo e principalmente o poder transformador do indivíduo sobre o meio. Nesse sentido, a discussão sobre a constituição da cidadania e as proporções de espaço no Distrito Federal se faz marcante e fundamental. A presença recorrente do assunto em minhas reflexões e nos relatos dos colegas confirma a impactação da culminância das inúmeras peculiaridades na realidade “brasiliense”, e faço uso das palavras de Fernandes quando diz que:

O desconhecimento sobre a história e a geografia da região onde se erigiu a capital federal, gera distorções de interpretação sobre várias questões. Torna-se inadiável contribuir com a formação teórico-metodológica adequada que viabilize a construção junto aos alunos de um saber histórico/geográfico sobre o lugar onde vivem. (FERNANDES, 2016, p. 90).

Diversos colegas produziram relatos sobre o referido seminário baseados em textos científicos da construção de Brasília, a respeito da arquitetura, explicando relações das Regiões Administrativas, buscando encontrar outras narrativas além do raso e produzido discurso das instituições que dominavam as informações compartilhadas, ainda na relação com as próprias vivências. Questionando diretamente, assim, as realidades produzidas a partir de discursos falseados presentes tanto na mídia quanto em discussões acadêmicas a respeito do espaço ocupado e não-ocupado do Distrito Federal. KS questiona em seu Portfólio: “Quantos sonhos pelo meio do caminho da construção ficaram? Quanta gente veio tentar ser alguém na vida e



não conseguiu? Quantas vidas solitárias existem pelas ruas de Brasília?” As dimensões dos efeitos de ensinar com humanidades estas pessoas que no futuro precisarão ser tão humanas, nos permitem refletir a respeito dos assuntos que devem ser o centro das discussões educacionais em geografia, com a certeza que podemos e devemos sair no mínimo um pouco mais rebeldes, na luta constante e política de conquistar e reavaliar nossos direitos. Principalmente, com o aparato teórico e espiritual de buscar fazer o mesmo com os educandos que no futuro venham a dividir uma sala de aula conosco.

Considerações finais

Pensar a realidade da escola e o espaço que a geografia ocupa dentro da mesma, decerto não deixará de ser uma prioridade na atual conjuntura sócio-política brasileira. Dessa forma, cito Cavalcanti (2011), que reafirma os interesses nessa discussão:

A reflexão sobre o que ensinar em Geografia, tendo em vista a sociedade contemporânea e suas demandas, tem sido uma preocupação de muitos investigadores do ensino de muitos investigadores de ensino e de muitos professores, no Brasil e em outros lugares do mundo, devido ao interesse que se tem em aproximar o ensino dessa matéria às demandas formativas da sociedade, em permanente e acelerada transformação. (CAVALCANTI, 2011, p. 83)

Como apresentado ao longo do artigo, por meio da análise da minha experiência e da produção de Portfólios meu e dos colegas de sala, a experiência com o estudo do meio e a presença de uma geografia significativa e ativa na formação de docentes se faz presente como uma saída importante para os problemas com os quais a escola e agentes educacionais se deparam na contemporaneidade. IM partilha na introdução de sua produção uma visão que acredito ser fiel à magnitude de significação que o processo pode permitir aos alunos/professores em formação: “A culminância desse processo, além de toda aprendizagem adquirida, se dá na concretização da síntese de nossas ideias e sentimentos em relação ao que foi visto. Surge aqui então o Portfólio, momento onde mapeio meus pensamentos e os organizo para traduzí-los.”

Talvez possa ser difícil entender a importância de uma vivência tratando sobre sentimentos no Ensino Superior, seu objetivo ou as consequências da mesma. Num nível pessoal, me colocar enquanto indivíduo resultante e atuante de um meio sobre o qual a dialética de convivência me entrega o mesmo tanto que me tira, permite conhecer outras prioridades. Ainda a respeito da utilização de uma geografia real, que dialogue com o indivíduo e com o objetivo da formação do mesmo, Cavalcanti contempla a discussão quando afirma:

Outro ponto é a referência à necessária ligação do ensino de Geografia à formação para a vida coletiva, para a vida social, formação da cidadania - mas uma cidadania planetária, fincada num processo de identificação dos indivíduos, sempre dinâmico, aberto e múltiplo, levando em conta o mundo da globalização, o contexto complexo do mundo contemporâneo e a dialética das relações locais/globais. (CAVALCANTI, 2011, p. 86-87).

É por isso que acredito ser fundamental a continuação da discussão a respeito da formação de professores em Geografia, sendo assim fomentada e encorajada, já que nela podemos enxergar novas formas de relação entre escola, território e indivíduo. Necessário, ainda, lembrar a importância das reflexões a respeito da constituição da cidadania no Distrito Federal, o que poderia ser uma solução para repensar a forma como o espaço e o poder se relacionam na constituição do indivíduo, além da ação do indivíduo (e do coletivo) sobre o meio, para que também possamos nos questionar nossas ações a partir e para com a realidade. O estudo do meio, aqui, se mostra eficiente e tocante na forma como estimula questionamentos, sensações e consequentemente conhecimentos e vivências para futuros professores conscientes, criativos e resilientes.

Para concluir, IM em seu relato sintetiza um olhar clínico e direto, a respeito da dimensão do pensar geográfico num grupo de pessoas a quem não foi permitida a oportunidade de vivenciar a Geografia da forma como ela poderia e precisa ser experimentada: “Acredito realmente ter sido um desafio, estar imersa em uma disciplina que desde o ensino médio não tenho muito contato teórico, mesmo que na prática estou inserida em um mundo rodeado de geografias.” Deixo aqui o apelo de nos posicionarmos ativamente em prol de uma aprendizagem significativa, lembrando sempre das dimensões políticas do saber e utilizando a geografia num processo de ressignificação que já se iniciou e cujos caminhos se mostram cada vez menos nevoentos.



Referências bibliográficas

FERNANDES, Maria Lídia Bueno. O estudo do meio na formação do pedagogo: ou, por uma geografia que invada a sala de aula. In: CARLOS, Lígia Cardoso (Org.). **Ciências Humanas no Ensino Fundamental**: reflexões, iniciativas e propostas. Pelotas: UFPel, 2016.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia é ensinada nas séries iniciais? ou: aprende-se Geografia nas séries iniciais?. In: TONINI, Ivaine Maria (Org.). **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 29-39.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia Escolar e a Sociedade Brasileira Contemporânea. In: TONINI, Ivaine Maria (Org.). **O Ensino da Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

TONINI, Ivaine Maria. **Geografia Escolar**: uma história sobre seus discursos pedagógicos. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

VLACH, Vânia Rubia Farias. Ideologia do Nacionalismo Patriótico. -In: OLIVEIRA, A. U. (Org.) **Para onde vai o ensino da Geografia?**: Crise da Geografia, da escola e da sociedade em novos rumos do ensino de Geografia - a realidade, a educação e a Geografia em discussão. São Paulo: Contexto, 2010, p. 39-46.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Wmf Martins Fontes Ltda., 2013.